



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LUCAS BESERRA EVANGELISTA

**AS MULHERES NA TELENOVELA TIETA: AVANÇOS E PERMANÊNCIAS NAS
REPRESENTAÇÕES**

**GUARABIRA-PB
2023**

LUCAS BESERRA EVANGELISTA

**AS MULHERES NA TELENOVELA TIETA: AVANÇOS E PERMANÊNCIAS NAS
REPRESENTAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

**GUARABIRA-PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

E92m Evangelista, Lucas Beserra.
As mulheres na telenovela Tieta [manuscrito] : avanços e permanências nas representações / Lucas Beserra Evangelista. - 2023.
29 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.
"Orientação : Prof. Dr. Waldecir Ferreira Chagas , Departamento de História - CH. "

1. Feminismo. 2. Tieta. 3. Telenovela. I. Título
21. ed. CDD 306.8

LUCAS BESERRA EVANGELISTA

AS MULHERES NA TELENVELA TIETA: AVANÇOS E PERMANÊNCIAS NAS

REPRESENTAÇÕES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciatura Plena em História.

Aprovada em ___03___/___07___/___2023___

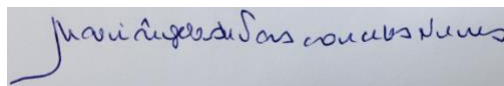
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba/DH



Prof^ª. Dr^ª. Ivonildes da Silva Fonseca (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba/DE



Prof^ª. Dr^ª. Mariângela de Vasconcelos Nunes (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba/D

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Regresso de Tieta a Santana do Agreste.....	18
Figura 2 – Antonieta Esteves Cantarelli persona social.....	19
Figura 3 – Tieta é desmacarada.....	19
Figura 4 – O mistério da caixa é descoberto por Tieta.....	20
Figura 5 – Dona Amorzinho tem um ataque.....	21
Figura 6 – Não posso ser dona de mim?.....	22
Figura 7 - Tal mãe, tal filha 1	22
Figura 8 – Tal mãe, tal filha 2	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. HISTÓRIA DAS MULHERES: SER OU NASCER? EIS A QUESTÃO	6
2.1. Mulheres no século XX: Las Soldaderas, opressão e apagamento.....	9
2.2. Mulheres no Brasil: A luta contra o patriarcado e a reconstrução de uma nova história. 11	
3. RESUMO DA TELENOVELA TIETA	12
3.1. Representação Feminina na Teledramaturgia – Tieta.....	15
3.2. As Mulheres de Santana do Agreste: opressão, objetificação, pseudo liberdade	17
4. REESCREVENDO A HISTÓRIA	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	25

AS MULHERES NA TELENOVELA TIETA: AVANÇOS E PERMANÊNCIAS NAS REPRESENTAÇÕES

Lucas Beserra Evangelista¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo, discutir as narrativas femininas na história, analisar e fazer uma reflexão sobre as representações da mulher na telenovela Tieta, observando os avanços e permanências quanto às representações nessa produção ambientadas na década de 1980. No decurso deste trabalho foi possível observar, que o enredo da teledramaturgia trouxe estigmas e abordou diversas questões relacionadas ao feminino, a exemplo do empoderamento, sexualidade, condição da mulher na sociedade e relações familiares e a contribuição da escrita sobre mulheres para debate social e acadêmico.

Palavras-Chave: feminismo; Tieta; telenovela

ABSTRACT

The present work aims to discuss the female narratives in history, analyze and make a critical reflection on the representations of the feminine in the soap opera Tieta, on advances and continuities set in the 80s. In the course of this work it is also possible to observe that the plot of the novel brought many stigmas and addressed several issues related to female freedom, empowerment, sexuality, role in society and family relationships and what is the contribution of the work to social and academic debate.

Keywords: feminism; Tieta; soap opera

1. INTRODUÇÃO

A representação da mulher na televisão e em outros meios de comunicação, como revistas e jornais, desempenha um papel fundamental na construção e reprodução de normas culturais e sociais. As telenovelas brasileiras tendem a ser uma das principais ferramentas de entretenimento e têm grande influência na formação de imagens e estereótipos de gênero. Nesse contexto, a telenovela Tieta, produzida em 1989, baseada na obra de Jorge Amado lançado em 1977, destaca-se como um indício do desenvolvimento e persistência das conquistas femininas.

Este trabalho se propõe a analisar a representação da mulher na telenovela Tieta sob a ótica do desenvolvimento e da permanência. Situado na pacata cidade fictícia de Santana do Agreste, que tem como enfoque principal a vida de Tieta, uma mulher que volta para sua cidade natal, depois de anos quando partiu depois de ter sido expulsa de casa pelo pai. A história levanta questões relacionadas à liberdade sexual das mulheres, autodeterminação, patriarcado e moralidade. O enredo contém vários temas.

¹ Aluno graduando do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – CH/Campus III. E-mail: lucasevangelistaa@gmail.com

Este trabalho destaca os seguintes avanços da telenovela *Tieta* em termos de representação feminina, a independência econômica e sexual da mulher, desconstrói estereótipos tradicionais e explora temas considerados tabus na época. Também fortalece estereótipos presentes nas telenovelas, tendo em vista a permanência que pode limitar a mulher como conservadora e submissa.

A metodologia utilizada para este trabalho foi a análise do conteúdo da telenovela que enfoca o discurso, as atitudes e as carreiras das personagens femininas. Juntamente com referências teóricas sobre questões de gênero, representação midiática e feminismo são utilizados para a análise crítica das representações encontradas. Compreendendo o avanço e a persistência da representação feminina na telenovela *Tieta*, esperamos contribuir para o debate sobre a construção das identidades femininas na mídia brasileira e refletir sobre o aumento do impacto dessas representações na sociedade. Além da personagem *Tieta*, outras mulheres também tiveram papéis relevantes em telenovelas, o que contribui para a discussão da representação feminina.

Outro personagem que faz parte do elenco secundário é *Amorzinho*, interpretado por Lília Cabral, que desafia os padrões de comportamento impostos pela sociedade e a busca incessante em ter um grande amor, mesmo após ter ficado viúva. *Amorzinho* defende que as mulheres, casadas ou não, são livres como parte natural da vida. É importante ressaltar que apesar dos avanços na representação da mulher em *Tieta*, a trama também possui elementos de permanência que refletem estereótipos e limitações da época. A personagem "mulher submissa" está presente em algumas personagens, como *Perpétua*, interpretada por Joana Fomm, que representa uma viúva tradicional dedicada ao seu falecido marido, suas tarefas eclesiais e seus filhos.

Essa representação reforça a visão conservadora de que as mulheres devem ser subordinadas aos homens, limitando sua capacidade de sucesso fora de casa. Outro aspecto a considerar é a forma como as personagens femininas são estereotipadas com base em sua sexualidade. Apesar da representação positiva da personagem *Tieta*.

Toda essa abordagem reforça a moralidade e a hipocrisia ao mesmo tempo. Porque lutar pela liberdade é quase um crime, não ter um companheiro é uma vergonha social, reafirmando que a mulher não pode ter seu próprio arbítrio. Considerando as análises realizadas, pode-se concluir que a telenovela *Tieta* avançou muito na representação da mulher ao retratar personagens femininas fortes e independentes que desafiam as normas sociais e de gênero.

No entanto, também é importante reconhecer que o enredo ainda contém elementos conservadores e reforçadores de estereótipos, demonstrando as limitações de retratar mulheres. Compreender o avanço e a consistência da representação da mulher na telenovela *Tieta* nos faz pensar sobre a evolução da televisão brasileira e seu impacto na construção das identidades femininas. Essa análise permite questionar e desconstruir estereótipos e lutar por uma representação mais ampla e diversificada da mulher na mídia contemporânea. Dessa forma, o trabalho aborda gênero, representação midiática e feminismo, enfatizando a importância de se analisar e discutir a produção audiovisual e a necessidade de promover uma representação mais igualitária das mulheres no meio acadêmico para que se possa quebrar os estereótipos e a perspectiva colonial ainda recorrente na educação, que pouco aborda as narrativas femininas.

2. HISTÓRIA DAS MULHERES: SER OU NASCER? EIS A QUESTÃO

Ser ou nascer? Eis a questão, título que abre para a reflexão e revisar as ideias e conceitos do que é ser mulher. “Não se nasce mulher: torna-se mulher”, Beauvoir (1980), relata que ninguém nasce se torna mulher, isso acontece porque não é só definido pelo biológico, o cotidiano os costumes, ou seja, o comportamento era algo que poderia definir seu gênero no

mundo. Exemplos disso são algumas profissões, brincadeiras e até a cor de roupa que usa o que ocasiona um papel social secundário.

Beauvoir (1980), ressalta no livro o segundo sexo, as mulheres não são inferiores, mas subjugadas, desde sua infância até a vida adulta, passando pelo trabalho, envelhecimento, casamento e também pela maternidade, o que respinga na sexualidade feminina, que também é uma forma de opressão, provocando desigualdades entre os sexos.

O segundo sexo, o livro se torna uma das peças fundamentais para os movimentos feministas, uma obra clássica que Beauvoir (1980), argumenta a independência, autonomia e liberdade feminina.

O poder da narrativa é capaz de mudar completamente o pensar de uma nação e assim consegue ser chave para transformar o futuro, lógico que isso pode ser de forma positiva ou negativa. A história quase sempre narra o lado dos “vencedores” ou de uma região específica e fixa na experiência a dos homens, pouca ênfase é dada a outras histórias, sendo assim, as minorias que muitas vezes são majorias ficam à margem da história.

Sempre que falam ou abordam as mulheres, as narrativas são ceifadas, pouca importância é dada, são constantemente tratadas como pessoas más de uma vilania sem tamanho, o que provoca catástrofes sociais, mesmo erradas elas ficaram invisíveis, e em cada período “surge” uma, exemplo disso o que faz com que suas lutas, histórias e trajetórias caiam no ostracismo historiográfico, e são pouco divulgadas.

Ao longo da história, os homens têm suas histórias contadas e expostas, o que mostra suas culturas, vitórias e derrotas, conhecidos como desbravadores, descobridores dos sete mares, provedores dos seus lares, seus tórridos romances são também contados, e tudo isso além de ser relatado são documentados e estudados. Enquanto isso as histórias das mulheres por muito tempo ficaram a margem, seus legados e suas experiências foram minimizadas ou simplesmente não evidenciadas, principalmente a grandeza e quão importante elas foram para a história da humanidade. A historiografia por muito tempo foi reticente com as mulheres, e quando lembradas são citadas como antagonistas, coadjuvantes ou subordinadas ao patriarcado.

Desde a idade média, a historiografia não consegue protagonizar a história da mulher, e quando se fala sobre silenciamento da mulher a conotação é a de que ela não teve nada para se relatar ou nenhum feito relevante, quando é o contrário, isso tudo se deu por conta da construção social sobre ela que recorreu aos diversos mecanismos e como consequência a silenciou, sobretudo, porque se opunha as ideias dominantes.

A idade média criou diversos conceitos e normas, principalmente as instituições como a igreja e o sistema absolutista, visto que nessa época eles eram a grande potência no quesito ordem e obediência. A palavra da igreja e do poder absolutista eram requisitadas e temidas principalmente as da igreja por ter vínculo com o sagrado, nesse sentido à repressão imposta a mulher foi tanto sexual quanto social.

A igreja conectou Eva e Maria, mostrou que Maria era o modelo de mulher ideal, ou seja, uma mulher temente, submissa e não questionadora, já o modelo de mulher condenável era o de Eva, mulher sensual capaz de desconcentrar os homens.

Em geral, o medievo é visto como masculino e misógino, no qual a mulher era considerada Maria ou Eva, santa ou pecadora. É certo que nesse período a mulher estava relativamente privada de direitos; essencialmente dependente da tutela de um homem (pai, marido ou dos parentes) e destinada aos serviços domésticos, ao matrimônio ou ao convento. Porém, por outro lado, é difícil sustentar a hipótese de uma marginalização generalizada da mulher medieval. Através de documentos notariais, por exemplo, sabe-se que muitas figuras femininas agiam de forma independente, administravam negócios, pagavam impostos, trabalhavam como professoras, escritoras, farmacêuticas, médicas, rainhas. É o caso de Heloíse, Maria de França, Hildegarda, Eleonora de Aquitânia (século XII), e Catarina de Sena (século XIV), para citar alguns nomes. Se ao longo do tempo foi aceito que as mulheres

ficaram à sombra de um mundo dominado pelo masculino, a tendência atual é a de revisão desse paradigma. A história das mulheres, geralmente escrita por homens e com base em fontes elaboradas por autores masculinos e escolásticos, está sendo substituída por abordagens que privilegiam registros deixados pelas próprias mulheres (SIMONI, 2010, p. 1)

A sociedade medieval era conectada com a religiosidade, e sua influência na época era a igreja católica, pelo fato de a igreja estar presente em diversos âmbitos como político, econômico e social, ou seja, a igreja “ditava” as regras de como ser ou se portar socialmente e isso teria variações de acordo com os sexos como afirma (LIEBEL, 2004, p.10)”. A oposição entre masculino e feminino constrói um sistema mítico-ritual confirmado e legitimado pelas próprias práticas que institui, caracterizando os sexos como sujeito/objeto, agente/instrumento”.

Os medievais com a influência da igreja e da bíblia; um escudo da verdade seguia à risca suas histórias, e quando o assunto era diferença entre homens e mulheres, o livro de Gênesis era a prova incisiva para a população seguir ao pé da letra literalmente seus dogmas. Como relata Lê Goff e Truong (2006, p.11) “Mas uma das principais tensões é aquela entre o corpo e a alma. E ainda mais, as tensões do interior do próprio corpo”.

O livro de Gênesis narra à história da criação do mundo e dos primeiros humanos Adão e Eva. Ela foi considerada a provedora do mal no mundo, porque não escutou os conselhos de Deus e comeu o fruto proibido, e fez seu companheiro Adão cair em tentação e experimentar também, o que causou a expulsão de ambos do paraíso.

O casamento também foi uma forma de controle feminino, era um acordo de cavalheiros, a depender da linhagem e dos bens que possuíam desde o nascimento a mulher estaria prometida. O casamento não era sobre amor à primeira vista, era uma espécie de negócios entre as famílias, as mulheres era uma moeda de troca, primeiro as mulheres não tinham o livre arbítrio de escolher seu parceiro ou se apaixonar, era algo totalmente lucrativo, pois envolviam terras, influências e poder era isso que estava em jogo, não era a vontade de ela estar no relacionamento, seguia o velho ditado “O que Deus uniu ninguém separa”, a separação estava fora de análise das famílias.

A partir dessa história, a inferioridade feminina foi instaurada, lógico que não foi a idade média que criou toda disparidade com relação à mulher, desde os primórdios da idade média, toda mulher precisava de um homem e seguir códigos sociais, como por exemplo, valorizar sua honra (virgindade), seguir o exemplo da Virgem Maria, uma mulher que dedicou sua vida para Deus, muito temente ao seu marido e as suas ideias, renegar seus desejos carnisais, já que segundo a igreja católica mulheres foram feitas para procriar e não para sentir prazer, sua menstruação era considerada algo ruim e causava muita vergonha, vale salientar que essas construções sobre a inferioridade já existiam.

As reflexões sobre a mácula da mulher não surgiram nos claustros da Idade Média, fruto de um antifeminismo virulento de religiosos que se viam paulatinamente limitados ao celibato, mas foram por estes herdadas e ampliadas, indo de encontro à visão do feminino introjetada nas estruturas sociais do período (LIEBEL, 2004,p.9)

As mulheres na baixa idade média entre os séculos XI e XV já nasciam “predestinadas” e acatavam seus destinos sem nenhuma objeção, pois como a sociedade era baseada na religiosidade, o medo era intenso de não seguir o “modelo social” era estar condenada a ir para o inferno, como as meretrizes, que já tinha esse destino, mulheres impuras que já estavam destinadas ao inferno pelo simples fato de ter prazer, desejo que só o homem poderia sentir como atesta (PERROT, 2003 p.16), “O prazer feminino era negado ou até mesmo reprovado: coisa de prostituta”.

Mesmo com toda opressão, mulheres como Hildegarda Von Bigger, Marguerite Porete e Joana D’arc, lutaram pelo seu espaço e por sua liberdade, e por consequência sofreram com a

inquisição, foram perseguidas e no caso de Marguerite e Joana D'arc, mortas, pelo simples fato de não estar de acordo com as normas que a sociedade medieval, mais precisamente entre os séculos X até o século XV.

2.1. Mulheres no século XX: Las Soldaderas, opressão e apagamento

Na contemporaneidade a mulher seguiu igual a frase do químico Lavoisier “nada se cria, tudo se transforma”. No século XX, as mulheres continuavam com os estigmas semelhantes aos períodos passados e com a mesma função social, e um dos casos de silenciamento foi das Las Soldaderas no México, que mesmo protagonistas da sua história e participantes assíduas da revolução, o patriarcado silenciou suas lutas e vitórias e as colocou como figuras centrais e únicas, uma das causas para acontecer são os viés histórico e cultural, a falta de informação e inclusão fez com que a história das Soldaderas ficasse invisível.

A prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. O mesmo ocorre com as imagens. Produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre os sonhos ou os medos dos artistas do que sobre as mulheres reais. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas. Eis aí outra razão para o silêncio e a obscuridade: a dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas.[...] (PERROT, 2006, p.17)

Onde estavam as mulheres durante a Revolução mexicana? Logo mulheres do século XX não eram consideradas cidadãs, e carregavam consigo o ideal da mulher dona de casa, esposa e mãe. Elas não tinham o direito de votar, eram vistas como inferiores, eram poucas as que trabalhavam nas indústrias, a grande maioria eram camponesas e uma minoria aristocratas. Com o advento da Revolução que estava acontecendo no México, iniciada por Madero, notou-se uma mobilização social, grupos se reuniram para lutar contra o governo ditatorial de Porfírio Díaz, alianças se formaram, líderes revolucionários emergiram, organizações femininas foram criadas. Um dos primeiros grupos de mulheres a se manifestar foi as aristocratas, a camada privilegiada da sociedade, que não eram atingidas economicamente pelo governo Díaz, mas que desejavam mudanças que as deixassem livres das amarras do patriotismo, algo muito almejado era o direito ao voto. Nascimento (2015) explica que quando tentaram avançar esse movimento feminista para a camada mais baixa da sociedade, na tentativa de conseguir aliadas, a ideia não foi bem aceita pelas camponesas, mestiças e indígenas, pois estas tinham interesses agrários, com o intuito de que elas ou suas famílias conseguissem um pedaço de terra para produzirem, diferente das feministas aristocratas.

A condição social influenciou nessa escolha, as Soldaderas em grande medida indígenas, mestiças, filhas de comerciantes ou agricultores, tinham razões distintas de irem para a Guerra Civil, mas uma prova de como a posição social influenciava se deu quando o México passou a se dividir entre os apoiadores dos camponeses e aqueles que defendiam o exército federal. Às mulheres que viviam da agricultura possivelmente apoiaram as investidas do exército do revolucionário Zapata, pois este defendia a reforma agrária. Outras tiveram motivações distintas como irem para apoiar seus maridos, em busca de trabalho no exército, outras estavam nas propagandas políticas, no combate à opressão, até em busca de romper com a divisão de gênero na sociedade por isso, marcharam em direção ao fim do regime patriarcal. Desempenharam atividades como carregar pesos, armas, e ainda foram responsáveis pelas atividades domésticas garantindo assim um bom funcionamento no acampamento, muitas vezes se sujeitavam a seguir os exércitos a pé, pois quem ia a cavalo eram os homens.

Apesar de muitas delas participarem dos exércitos, normalmente os menos estruturados, ocupavam as últimas fileiras do batalhão, várias mulheres participaram da Revolução como comandantes, capitãs, generais.

Algumas conseguiram subir na hierarquia, por exemplo, a valente Petra Herrera, que precisou se disfarçar de homem, renunciar a seus corpos femininos para entrar no exército de Pancho Villa que ali realizou grandes feitos, com o pseudônimo de “Pedro Herrera”, ganhou grandes batalhas e conquistou vários territórios. Quando finalmente decidiu revelar sua verdadeira identidade não foi permitida que continuasse no grupo, vítima do sexismo, e do patriarcado foi dispensada por ser mulher de um batalhão que até então a respeitava.

Barbosa (2010) destaca que o exército das Soldaderas deu a volta por cima quando formou uma tropa feminina, contabilizou em média 400 mulheres que com êxito venceram muitas batalhas. Eram mulheres de todas as idades desde as adolescentes até as mais velhas. Destacaram-se outros nomes como: Margarita Neri, Rosa Bobadilla, Juana Ramona, Dolores Jiménez, figuras importantes para a Revolução Mexicana.

Uma dessas mulheres foi Dólores Jiménez Y Muro, lutou pela liberdade desde o início da revolução, era professora, militante que viu o quão desigual era o México, uma verdadeira militante que participou de círculos liberais, e que também foi contra o governo autoritário de Díaz. A sua inteligência chamou a atenção de Zapatta que convidou para fazer parte do seu grupo e assim desenvolver diversas tarefas como oradora, professora, Jornalista e escritora. Seu engajamento fora crucial para toda essa revolução, foi ela também que escreveu o plano Ayala, antes disso ela foi presidente do clube feminino “Filhos de Cuauhtemoc” e editora do jornal “a mulher mexicana”. Em uma fotografia que quando os revolucionários invadem a presidência, nela é possível ver Dólores junto deles, mas pouco se nota a importância dela, o alvo é sempre Zapatta ou Pancho Villa. Segundo Barbosa (2010), uma das frases famosas que ela falou foi “É tempo de que as mulheres mexicanas reconheçam que seus direitos e obrigações vão mais além da casa”. Percebendo desde sempre que as mulheres poderiam lutar pelos seus direitos, pelo seu país e povo, foi nomeada general e teve acesso aos diferentes grupos, por isso toda essa influência.

Além de essas mulheres lutarem na guerra civil do México, uma forma de demonstrar interesse pela causa a ser defendida, esperavam alcançar a liberdade de expressão, reforma agrária, jornada de trabalho de 8h por dia, salários mínimo, vistas como heroínas apesar de não usarem capas, sua força influenciou todos que conhecem sua história, por mais que não tenham tido o reconhecimento que os homens, cujos nomes e rostos estão estampados em museus, praças, escolas, como uma forma de garantir que a história desses heróis não seja esquecida. Mas as mulheres? Porque as histórias delas podem ser esquecidas? Sabemos que não está excluída do processo revolucionário, este só se tornou possível por seu envolvimento como Soldaderas, espiãs, domésticas, esposas ou mães, o que garantiu a manutenção da ordem e liderança com bravura.

Diante de toda revolução a luta das mulheres mexicanas e as suas histórias caíram no ostracismo da história, mais uma vez as mulheres viraram personagem de pouca relevância, quando foi ao contrário às mulheres do México lutaram muito por um México melhor. Tosi (2016) relata que as mulheres de diferentes classes se juntaram e também reivindicaram seus direitos, como por exemplo, o de ser considerada uma cidadã, o poder do voto e também de ir a luta. Elas lutaram, comandaram exércitos eram conhecidas como Las Soldaderas, viveriam em âmbitos totalmente masculinos e articularam planos, ou seja, quebraram todo estereótipo de que a mulher precisa ser amparada e protegida pelo homem e que viu o avanço do seu país apenas vendo a figura masculina foram à luta e ganharam destaque na história.

A história das Soldaderas tentou ser apagada da história do México e da história do mundo, com o intuito de deixar os grandes feitos apenas para os homens, limitando as mesmas a funções de cuidadoras. Apesar das provas documentais, fotos, relatos essa memória ainda é

negada. A tentativa de esquecimento ocorreu pela intervenção estratégica dos meios de comunicações do México, que insistiu que as mesmas iam atrás dos soldados como prostitutas, e as que ficavam em casa eram as boas esposas. Usando novamente assim a figura feminina de forma sexualizada e machista para tirar seus êxitos, atribuindo-lhes caricaturas de prostitutas, especularam que aquelas que iriam para a revolução iam com o intuito de abastecer sexualmente os homens, para tanto, usavam roupas com muitos decotes, e vestidos ousados, o que fazia lembrar a figura das Adelitas, figura muito popular no México, como se elas fossem um mito na história. Portanto é imprescindível que quando se trabalha Revolução Mexicana, discuta a participação feminina e o legado que deixaram.

Entretanto, mesmo após a Revolução as mulheres não conseguiram de imediato grandes mudanças em seus papéis na sociedade, muitas voltaram a serem donas de casa, a vida de doméstica, a agricultura, a seu trabalho como operária e ganhando menos que os homens, mas gradativamente as mudanças foram ocorrendo na legislação mexicana, e em 1917 elas foram consideradas cidadãs, assim como todos nascidos no México, e teve direito ao voto. Porém a luta feminista não parou por aí, elas fizeram vários movimentos na década de 1970, por exemplo, com reivindicações a sindicatos, instituições e governos, eram grupos independentes que militavam em prol de seus direitos.

2.2. Mulheres no Brasil: A luta contra o patriarcado e a reconstrução de uma nova história

Não importa a posição social ou lugar do mundo, a mulher sofrerá alguma retaliação, no Brasil não foi diferente, até os dias de hoje, as ideias, características e comportamentos que vem desde tempos de outrora de outras sociedades.

Quando o feminismo é abordado, sempre deve ser enfatizada a luta das mulheres por igualdade, direitos iguais, uma sociedade mais justa e igualitária para as mulheres, mas compreender também que mesmo lutando pelas mesmas causas, existem várias perspectivas, cada viés de luta e maneiras diferentes.

Como se a História nos contasse apenas dos homens e de suas façanhas, era somente marginalmente que as narrativas históricas sugeriam a presença das mulheres, ou a existência de um universo feminino expressivo e empolgante. Todo discurso sobre temas clássicos como a abolição da escravatura, a imigração europeia para o Brasil, a industrialização ou o movimento operário, avocava imagens da participação de homens robustos, brancos ou negros, e jamais de mulheres capazes de merecerem uma maior atenção. (RAGO, 1995 p.81)

Tudo isso só aconteceu devido aos movimentos feministas da década de 1970, a partir daí as mulheres começaram a pesquisar muito além do que era programada, a busca pela sua subjetividade fez questionar e procurar sobre a história, vale ressaltar que o feminismo era algo destinado às elites, já que a educação não era algo acessível a todos.

Exemplo disso são o feminismo branco e negro, o branco concentrou-se só nos debates e questões que a mulher branca enfrentava, ou seja, não deu oportunidade as outras mulheres como indígenas e negras para os relatos de suas lutas, negligenciando outras experiências, deixando assim o feminismo muito limitado, se antenando a ascensão social e política da mulher branca. Como afirma Ribeiro (2018 p. 35) “Existe ainda, por parte de muitas feministas brancas, uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e afastam”.

Em contrapartida o feminismo negro se alia a luta por igualdade, mas suas discussões são ampliadas, opressão, subalternidade e racismo estrutural são umas das principais pautas, outro aspecto importante a ser comentando, é a luta da quebra de estigmas que as mulheres negras carregavam consigo, Ribeiro (2016) aponta dois tipos de objetificação, a imagem da

mulher negra atrelado aos serviços domésticos, e a sexualização, tendo seu corpo como uma forma de entretenimento e prazer.

As mulheres negras estabeleceram seu espaço próprio de luta tanto no movimento feminista quanto no movimento negro, mas logo iriam contestar as ações e discursos desses dois organismos ao atentar para a especificidade da experiência histórica das afrodescendentes, no caso do primeiro, e exigir uma agenda que incluísse a dimensão de gênero no trato da questão racial, no caso do segundo, denunciando ainda as atitudes sexistas no interior do grupo. (NEPOMUCENO, 2013 p.334)

Nepomuceno (2013) explica que Lélia Gonzáles e Beatriz Nascimento foram pioneiras no “enegrecimento feminino” pelo fato de ter criado referência teórica para os grupos militantes. Porque ser mulher é algo plural e complexo, o feminismo mesmo sendo um movimento das mulheres não conseguia contemplar todas elas, porque cada categoria carregava consigo uma dor e também um ensinamento. Os cotidianos são diferentes, existe um abismo entre a mulher negra e a branca, foi necessário ter diversas vertentes, porém com o mesmo propósito equidade.

Com passos de formiga, o feminismo foi instaurado, a sociedade continuava misógina, as mulheres ainda eram aprisionadas por ideias de outrora, a tradição de seguir era algo latente e a sociedade conservadora infundia o rito de valores e ideias.

Acostumado com o protagonismo e sempre produzindo subalternidade, o patriarcado não soube lidar e fez sempre pouco caso das lutas femininas, eles ainda tinham o pensamento de que mulher nasceu para serem donas do lar e que naturalmente a procriação está no seu caminho, o trabalho é um grande termômetro de ego, ocupar grandes cargos e ter bons empregos são tarefas que não são vistas com bons olhos na sociedade, pois esse lugar não é de seu pertencimento, mulheres com essa altivez foram taxadas de subversiva.

Elas não abdicaram das antigas funções, ampliaram e agora fazem jornadas duplas, de cuidar da casa, filhos, marido e manter o seu emprego.

O machismo ainda é forte, visto que ser mulher é um perigo, porque tudo respinga nelas, são julgadas desde a roupa que vestem até a profissão que escolhem, são vítimas de calúnias, abusos, racismo e muitas vezes são taxadas de maluca por ter opiniões contrárias.

3. RESUMO DA TELENVELA TIETA

Inspirada no romance de Jorge Amado, a telenovela *Tieta do Agreste* de 1977 foi lançada pela Rede Globo no ano de 1989, e adaptada pelos autores Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares. A cidade cenográfica de Santana do Agreste foi criada em tempo recorde, cerca de quarenta dias nos estúdios Globo de Televisão na cidade do Rio de Janeiro, a cidade de Mangue Seco que fica na Bahia, também foi um dos cenários, pois, algumas cenas foram gravadas lá. Como telenovela é uma obra aberta estava previsto que ela teria apenas 136 capítulos, o sucesso da telenovela foi tão grande que a trama teve que ser prolongada, terminando no capítulo 197.

A trama tem como sua personagem principal, *Tieta*, Antonieta Esteves, Antonieta Cantarelli ou Madame Antoniete (interpretada pela atriz Claudia Ohana/Betty Faria), mulher livre e independente que nasceu e se criou na pequena cidade de Santa do Agreste. No início da sua adolescência, *Tieta* foi muito cobiçada pelos homens da cidade, sua beleza chamava muita atenção, atraindo muitos pretendentes. Seu primeiro caso amoroso e experiência sexual foram com um mascate (personagem interpretado pelo ator José de Abreu), mas foi com Lucas (interpretado pelo ator Herson Capri) a quem ela realmente amou, e com ele aprendeu a fazer o famoso “*ípsilon*”. Sua madrasta Tonha (vvida pela atriz Yoná Magalhães) sabia dos romances da enteada, mas se calava, pois sempre foi uma mulher muito frágil e para não provocar seu

marido de um temperamento muito difícil, o chamado Zé Esteves (interpretado por Sebastião Vasconcelos), ela optou pelo silêncio, pois, o pai de Tieta era um homem mesquinho e machista.

Já sua irmã Perpétua (Adriana Canabrava/interpretada pela atriz Joana Fomm), nutria muita inveja de Tieta e a tratava como se fosse sua rival, sobretudo, quando descobriu os seus casos amorosos, e decidiu levar o pai até a casa de Lucas. Assim que avistou Tieta o pai ficou enfurecido e com o seu cajado a expulsou da cidade sob cajadadas. Todos os moradores da cidade de Santana do Agreste pararam para ver a expulsão de Tieta, em meio à multidão ela jurou vingança, falou que voltaria pra se vingar e, dito e feito, vinte anos após esses acontecimentos ela retornou a pequena cidade. Todos pensavam que ela estava morta, no entanto, todo mês ela mandava um cheque para seu pai e, justamente, no mês da sua chegada ela não mandou. Perpétua, então, espalhou a notícia da morte da irmã e mandou o padre Mariano (vivido pelo ator Cláudio Corrêa e Castro) rezar uma missa. No entanto, Perpétua não contava com a astúcia de Tieta que, na hora da missa, adentrou a igreja de calça vermelha de couro, justíssima, o que deixou os moradores encantados com a sua volta. O jeito extrovertido com que Tieta adentrou a igreja a fez levar um sermão do padre, visto que na igreja mulheres usam saia e homens calça.

De volta a Santa do Agreste, Tieta percebeu que a população ainda permanecia hipócrita, sobretudo, porque a cidade continuava governada pelos coronéis, e os homens exerciam domínio sobre as mulheres. Em meio à hipocrisia dos seus conterrâneos, Tieta guardava muitos segredos, o que muitos desejavam saber, como, por exemplo, como ela se tornou uma mulher rica e bem-sucedida. Agora se chama Antonieta Cantarelli, sobrenome que incorporara depois de ter se casado com o industrial Felipe Cantarelli, ficado viúva e herdado parte de sua fortuna. Por isso voltara a Santana do Agreste acompanhada de sua enteada Leonora (personagem vivida pela atriz Lídia Brondi). Leonora viveu um tórrido romance com Ascânio Trindade (personagem vivido pelo ator Reginaldo Faria) que, antes da chegada de Leonora, era casado com Helena (interpretada pela atriz Françoise Forton). Ascânio é um idealista e almeja o progresso para Santana do Agreste, no entanto, é afilhado do coronel da Tapitanga (personagem vivido pelo ator Ary Fontoura). Por isso se tornou o seu herdeiro político, visto que o filho do coronel, o jovem Artur da Tapitanga (vivido pelo ator Marcos Paulo) fora embora e não queria contato com o pai. Arturzinho, como era chamado, na sua volta a Santana do Agreste, se tornou o inimigo número um de Tieta, sobretudo, porque descobriu seu maior segredo, ou seja, o de como ela se tornou uma mulher rica e influente, na sociedade.

Tieta ficou hospedada na casa de Perpétua, que era viúva, visto que seu marido, o major faleceu. Passou a morar com a irmã e seus sobrinhos, Peto (interpretado pelo ator Danton Mello) e Ricardo ou Cardo (interpretado por Cássio Gabus Mendes), com quem começou a ter uma relação incestuosa. Cardo foi prometido a Deus pela própria mãe caso ela conseguisse alguém que lhe “inaugurasse”. Ou seja, se casar. Como ela conseguiu se casar com o major, ela ofereceu seu primeiro filho a Deus, o destinando a ser padre. Mas com a vinda da tia Tieta, seu destino mudou e ele descobriu que ser padre não é sua vocação e sim a vontade de sua mãe.

No afã de provar que era uma mulher rica e de influência na capital paulista, Tieta queria comprar todo o Mangue Seco, ou seja, toda a praia deixando todos embasbacados com a tal ideia. Outro fato que prova sua influência, foi que a cidade não tinha luz elétrica e que não seria beneficiada com a luz elétrica, como as cidades vizinhas, porém Tieta, não mediu esforços para que sua cidade fosse contemplada com esse serviço, mandou um telegrama para o senador e conseguiu luz, a tão sonhada luz elétrica.

Os embates com sua irmã Perpétua e algoz eram constantes, enquanto Tieta era uma mulher querida e caridosa, Perpétua era, mesquinha, uma beata que segundo ela própria, seguia sempre as leis que ela considerava fosse de Deus, mas no íntimo se tratava de uma mulher hipócrita, pois, estava sempre querendo levar vantagens nas situações cotidianas. Seu grande segredo era uma caixa branca, onde ela guardava o órgão genital do marido (sim após a morte

dele ela arrancou o órgão do corpo e guardou numa caixa que mantinha a sete chaves). Com a morte de Zé Esteves, Perpétua teve um dos embates mais emblemáticos da trama com Tieta, elas colocaram pra fora todas as mágoas que uma sentia pela outra. Por isso, Perpétua expulsou sua irmã da sua casa e a partir daí começou a querer saber quem era o homem com quem Tieta dormia. Não demorou e Perpétua descobriu que era seu filho Ricardo. Diante do fato ela fingiu que estava cega, e passou a exigir que Tieta lhe pagasse as perdas e os danos causados e se casasse com o sobrinho Ricardo para que ele pudesse administrar a fortuna dela. Outro embate poderoso, já que Tieta ameaçou contar, foi quando sua amiga Ninete (interpretada pela atriz travesti Rogéria) chegou à cidade de Santana do Agreste, o que chamou a atenção dos moradores. O intuito de Perpétua era expulsá-la da cidade, por não se adequar aos padrões sociais estabelecidos, mas Tieta passou a perna em Perpétua e disse que sabia o segredo que ela mantinha guardado na sua caixa secreta. Ainda disse que Perpétua não podia julgar ninguém, porque tem “rabo preso”, sendo assim, ela voltou atrás e falou que não queria mais expulsar. No entanto, Perpétua descobriu o grande segredo de Tieta e Leonora e o porquê do seu retorno a sua cidade natal. Perpétua relatou isso tudo na hora da missa na igreja, quando muitos moradores estavam presentes. Tieta é cafetina em São Paulo, e é conhecida como Madame Antoinette e Leonora que é conhecida como Scheila, na mansão de Higienópolis. Os moradores da cidade não acreditam e dizem que Perpétua está louca.

Não menos importantes são as personagens secundárias, como o elenco da pensão de Dona Milú (interpretada pela atriz Míriam Pires), viúva também e mãe de Carmosina (vvida pela atriz Arlete Salles) melhor amiga de Tieta. Dona Milú trabalhava nos Correios e quando se aposentou a sua filha herdou a sua profissão, elas amavam saber de tudo o que se passava na cidade e era através das cartas, que antes de chegar aos seus respectivos destinatários, elas faziam seu truque, que nesse caso era colocar as cartas perto do bico da chaleira, e quando a chaleira fervia, a fumaça que saía pelo bico descolava as cartas, o que lhes permitia abrir e ler as notícias recebidas e enviadas.

Jairo (interpretado pelo ator Elias Gleiser) dono da Marinete “A Princesinha do Agreste” transporte que trazia e levava encomendas e passageiros para as cidades vizinhas. Osnar (vivido pelo ator José Mayer) sedutor e bruto, porém muito conhecido por ter a maior “estrovenga” da cidade. Cenira (interpretada pela atriz Rosane Goffman) uma beata solteirona que tem sonhos com Osnar. Amintas (interpretado pelo ator Roberto Bonfim) dono de uma loja de construção e por fim Maria Imaculada (vvida pela atriz Luciana Braga), que após fugir da fazenda do Coronel da Tapitanga se escondeu na igreja e depois passou a morar no bordel, onde passou um bom período. Depois encontrou abrigo na Pensão de Dona Milú. Imaculada nutria um amor escondido por Cardo. Para tanto, escrevia histórias de amor chamando-o de Príncipe.

Dona Amorzinho (interpretada pela atriz Lilia Cabral) era mais uma viúva – em Santana do Agreste havia muitas viúvas – era muito amiga de Cinira e Perpétua, eram as três beatas, ela namorava às escondidas com seu Amintas, no entanto, era muito repreendida por ser uma viúva “alegre”.

Tinha o casal Elisa (interpretada pela atriz Tássia Camargo), a irmã mais nova de Tieta, do casamento de Tonha e Zé Esteves, que sonhava com Tarcísio Meira, e Timóteo (vivido pelo ator Paulo Betti). A relação entre eles era muito atribulada, pelo fato de Timóteo não satisfazê-la sexualmente. Ele não deixava usar maquiagem, roupas curtas e gostar de sexo. Sexo pra ele era coisa de mulheres da Casa da Luz vermelha, onde no seu tempo de solteiro ele era conhecido por gostar de sexo anal. A Casa da Luz Vermelha era coordenada por Zuleica Cinderela (interpretada pela atriz Maria Helena Dias), condenada de dia pela sociedade, procurada de noite para ‘satisfazer’ os homens da cidade.

As famílias ilustres ficavam por conta da família Pires. Modesto Pires (interpretado pelo ator Armando Bogus) era casado com Aída (interpretada pela atriz Bete Mendes) e pai de Letícia (interpretada pela atriz Renata Castro Barbosa). Ele era um empresário bem sucedido,

pois era proprietário de um curtume. Afora a família, mantinha um relacionamento extraconjugal com a teúda e manteúda Carol (interpretada pela atriz Luiza Tomé), sua amante. Logo que ela chegou à cidade de Santa do Agreste, ele a instalou e o filho em Mangue Seco. A família Pitombo, era composta por Marcolino Pitombo, um advogado famoso e sua mulher Juracy (interpretada pela atriz Ana Lúcia Torre), que possuía mania de limpeza e achava que tudo estava sempre cheio de micróbios, por isso, estava sempre de luvas nas mãos e escrevia cartas anônimas, o que causava desconforto nas famílias que as recebiam. Eles eram pais de Edmundo (interpretado pelo ator Jonathan Nogueira) e Silvana (interpretada pela atriz Claudia Magno). Silvana vive um triângulo amoroso com seus vizinhos, o comandante Dário (interpretado pelo ator Flávio Galvão) que busca um tesouro, missão deixada pelo seu pai que serviu o exército durante a Segunda Guerra, ao lado de Hitler, e Laura (interpretada pela atriz Claudia Alencar), uma arquiteta que orientava Silvana a conquistar seu marido. Laura por ser ninfomaníaca vez em quando se vestia na “a mulher de branco” e atacava os homens da cidade.

Na fazenda do coronel Artur da Tapitanga, além dele moravam as suas rolinhas, pois ele adotava meninas órfãs ou as compravam das famílias pobres, como foi o caso de Imaculada. Artur da Tapitanga era pedófilo, e mantinha Filó (interpretada pela atriz Cristina Galvão), como a empregada, ou seja, a que faz tudo e seu capanga Trapizomba (interpretado pelo ator Evandro Leandro). Seu filho Arturzinho é o empresário Mirko Stéfano, seu intuito era se vingar da cidade toda e principalmente do seu pai. Por isso, instalou na cidade a empresa química Brastanio para poluir o mangue, cujos diretores os chamados Rosalvo (interpretado pelo ator Paulo Cesar Grande) e Bebê (interpretada pela atriz Simone Carvalho). Em meio a esse propósito Tieta tentou o impedir, e Arturzinho então preparou um dossiê mostrando que ela e Zuleika Cinderela são iguais, o que muda é só a conta bancária, e que Leonora além de prostituta foi acusada de tráfico junto com o namorado.

A personagem Leôncio (interpretado pelo ator Roberto Frota), trabalhava na prefeitura e era apaixonado por Filó, Rafa (interpretada pela atriz Liana Durval) trabalha na casa de Ascânio, não gostava de Helena e sonhava que ele se casasse com Leonora. Araci (interpretada pela atriz Andrea Paola) e Cosme (interpretado pelo ator Paulo Nigri), são agregados na casa de Perpétua, ele era seminarista e muito amigo de Cardo, Araci era a empregada atrapalhada, seu Chalita (interpretado pelo ator Renato Consorte) era dono do bar e Terto (interpretado pelo ator Ênio Santos) era dono da mercearia enquanto Pirica era o barqueiro que levava as pessoas entre Mangue Seco e Santana do Agreste. Para completar o elenco, havia Bafo de Bode (interpretado pelo ator Benvindo Sequeira) um alcoólatra a margem da sociedade, que veio com o circo, ficou e passou a morar nas ruas de Santa do Agreste, só foi valorizado pela sociedade, quando pensaram que ele era dono das terras do Mangue Seco. Além do elenco fixo, havia algumas atrizes e atores, cujas participações deram um toque especial à telenovela, como Rogéria que interpretou Ninete, Pepeu Gomes, Moraes Moreira e Jorge Dória, que deu vida ao pastor Hilário na sua breve participação.

3.1. Representação Feminina na Teledramaturgia – Tieta

Desde a chegada da televisão no cotidiano brasileiro, programas direcionados ao público feminino conseguiram ibope além do esperado pelas emissoras, as telenovelas foram as responsáveis pelo alcance de tal objetivo, sobretudo, porque a trama narrada trazia várias personagens femininas que chamaram atenção do público feminino. Na telenovela Tieta as narrativas femininas foram algo que conseguiram chamar atenção do público, sobretudo, porque as personagens eram reprimidas, exceto Tieta. Na trama da teledramaturgia Tieta, o patriarcado é recorrente e controlava as mulheres de forma explícita, aliado as instituições como o Estado, a família e a Igreja. Nesse interim o controle do corpo e, sobretudo do comportamento feminino ganhava visibilidade e notoriedade. O que os diretores/as dessa telenovela queriam.

Questionar o poder que a igreja exercia sobre as mulheres? Reforçar a condição da mulher na sociedade brasileira?

As mulheres representadas na teledramaturgia *Tieta* eram sempre limitadas, os homens as mantinham de forma totalmente alienadas e sempre que possíveis afastadas da vida pública, ou seja, direcionadas para as tarefas domésticas, sua grande função e “profissão” seria essa e elas não poderia contestar, era necessário ter um homem ao seu lado para guiar, e seguir o padrão social, e caso elas não fizessem o que lhes fossem determinadas eram consideradas incompletas. Em meio ao controle social, as mulheres se tornavam incapazes de revelar os seus mais sinceros desejos e reprimia suas vontades, a exemplo de ser livre para pensar, amar, desejar fazer sexo ao seu gosto, se profissionalizar e não ser apenas dona de casa. As que ousassem colocar em prática esses desejos acabavam tornando-se perigosas, e a “condenação” como libertina mulher desatinada ou simplesmente como Perpétua falava “quenga”, era o que a sociedade lhes atribuía. Na contramão do que a sociedade determinava a mulher, vivia *Tieta*, seu comportamento levou sua irmã Perpétua a condená-la.

- Perpétua: - Nenhum homem lhe quer porque você não presta quanto mais você se oferece mais eles corre de você, você está condenada a passar o resto da sua vida sozinha e “desinfeliz”, porque você é burra demais, você é idiota demais, você é estúpida demais, você é imoral, você é indecente, você é devassa, você é libertina, quenga você é quenga (*TIETA*, capítulo 145)

Na trama da telenovela *Tieta*, a sociedade é caracterizada pelo machismo, e como Santana do Agreste é uma pequena cidade do interior, a igreja funcionava como uma espécie de tribunal da moral e dos bons costumes; um espaço que poderia acolher ou condenar os/as moradores/as. Tudo dependia do modo como eles se comportavam cotidianamente, pois o padre era quem ditava as regras sociais a serem seguidas e definia o que era certo e errado, o que levava as mulheres sempre a se aconselharem com ele. Por mais respeitado que fosse pelos cidadãos, seus conselhos eram controladores e opressores, principalmente com as mulheres. Um exemplo clássico era a personagem Perpétua, por mais atrevida que ela fosse jamais enfrentava o padre, ou nenhum outro homem, ainda que estivesse morto, não ousava desobedecê-lo, como fora o caso do seu marido, o major. Mesmo morto ela tinha muito respeito e fidelidade a ele, o mesmo comportamento mantinha por seu pai, mesmo morto, a autoridade dele povoava o imaginário de Perpétua.

A trama narrada na telenovela *Tieta* tem suas reflexões e inspirações no cotidiano social, e nela o machismo é recorrente desde o primeiro capítulo. As personagens femininas são colocadas de lado ou como um ser inferior, a exemplo da condição da mulher na *Grécia Antiga*, onde não era dona do seu destino e vontade, e não vista como ser político, pois não podia votar emitir opinião própria ou ter sua beleza socialmente ressaltada; era ignorada. Na telenovela *Tieta* a representação da condição da mulher remete a idade média onde a igreja católica tinha poder político e ideológico sobre a sociedade e definia o papel social dos homens e das mulheres; estas eram totalmente dominadas e submissas aos homens que as mantinham sob seu controle. O comportamento masculino passa a ideia de que a história é uma ação eminentemente masculina, e a participação da mulher é minimizada, a condição de submissa ao patriarcado, logo impedida de pensar e, portanto, devia se contentar a condição de ser inferior.

Mesmo que a mulher se destaque no que faz, sobretudo no mundo do trabalho ou em qualquer aspecto da vida, ela ainda é tratada como inferior. Um exemplo disso e que está representado na telenovela é a personagem principal, *Tieta*. Após sua volta a Santa do Agreste, sua cidade natal, depois de longos anos distantes, ela precisou agradecer a todos da sociedade local, mesmo assim não foi bem recebida, dada a sua condição de mulher; ainda que fosse autônoma, livre e independente economicamente. Na concepção da sociedade local, esses atributos não caberiam à mulher.

Tieta carregava consigo a culpa e o pecado, portanto, deveria ser castigada; condição que a remete a Eva descrita na Bíblia como a grande culpada por ter sido expulsa com Adão do Paraíso. Tieta fora culpada de desonrar sua família, e a cidade, por isso, foi expulsa de Santana do Agreste. Denominada de “Cabrita”, Tieta foi expulsa como punição por ter infringido a moral e os bons costumes. Ela foi expulsa, mas “venceu” as suas expensas, construiu sua vida fundamentada na liberdade amorosa e sexual, mas na volta, ainda que estivesse a frente do tempo para onde retornou recebeu a alcunha de “Cabrona”; uma espécie de mulher atrevida, ousada, indomável e diaba; representação que está na trilha sonora de abertura da telenovela, cuja letra se refere a sensualidade de Tieta como algo pejorativo, pois a ela se reporta como “Mulher diabo, a própria tentação, Ela veio ao mundo pra virar o nosso juízo”. Assim como Eva tentou Adão a ponto de ambos serem expulsos do Paraíso, Tieta, desde menina, quando era uma “Cabrita” tentava os homens, e na volta; uma “Cabrona” continuou a tentar, tanto que seu sobrinho Ricardo por ela se apaixonou.

Nessa trama a subjetividade feminina é uma condição explícita, sobretudo, porque as mulheres são limitadas as regras e normas sociais. A elas são determinadas algumas condições, a exemplo de ser “mulher de bem”. Uma “mulher de bem” não poderia ter vínculo com mulheres de espírito libertino ou em condição inferior à sua. As viúvas deveriam manter o luto por resto da vida, ou seja, negar a afetividade e não se interessar por relacionamento seja lá com quem fosse. Ou seja, deveria se manter viúva, e não ser uma “viúva alegre”; algo danoso a sua reputação social, pois era chamada de “prostituta” ou “quenga” e não podia frequentar a igreja ou andar na cidade durante o dia. Esse tipo de comportamento atribuído às mulheres, considerado “moderno” e se estabelecia por meio dos discursos produzidos pela elite econômica da cidade que defendia o conservadorismo como fundamento da vida.

3.2. As Mulheres de Santana do Agreste: opressão, objetificação, pseudo liberdade

Na cidade de Santana do Agreste, a objetificação das mulheres era algo simbólico e recorrente, todas eram discriminadas de alguma forma. Na trama narrada os homens dessa cidade estavam sempre dispostos a silencia-las, se elas buscassem liberdade no amor, autonomia financeira e sexual; as que ousassem infringir as normas sociais eram automaticamente marginalizadas. Ou seja, violentadas, sobretudo, psicologicamente, o que ainda é comum às mulheres na contemporaneidade. Tal condição representada na telenovela, ou seja, numa produção cultural se confunde com a realidade da mulher em diversos países, conforme afirma Pinsky (2013) quando diz:

A violência contra a mulher é reconhecida em muitos países como um problema social e tem sido alvo de políticas públicas, legislações e ações de organizações não governamentais, com o objetivo de coibi-la e proteger suas vítimas (PINSKY, 2013, p. 238)

A violência sofrida pelas mulheres ocorre em virtude de ela ser vista pela sociedade como ser inferior, e nunca capaz de gerir seu próprio destino, e por isso, necessitar viver as experiências de um homem, ou de sua autorização para executar qualquer atividade fora do recinto domestico. Nesse sentido é o:

O princípio da inferioridade e da exclusão da mulher, que o sistema mítico-ritual ratifica e amplia a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo o universo, não é mais que a dissimetria fundamental, a do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado matrimonial, que estão na base de toda a ordem social: as mulheres só

podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens (BORDIEU, 1998 p. 55).

Tieta na sua volta à cidade natal percebeu que nada havia mudado, desde o tempo quando era uma jovem ingênua pastora de cabra, que fora expulsa a cajadadas por não reprimir seus desejos sexuais. De volta à cidade e mais inteligente não se livrou dos olhares e comportamentos preconceituosos dos/as moradores/as, o que passou a experimentar em cada ambiente e situação vivenciada. Por isso, ela usava um codinome para se sobressair das garras do patriarcado ainda recorrente na pequena Santa do Agreste.

Figura 1- O Regresso de Tieta a Santana do Agreste



Fonte: Capturado da Tela da TV Globo - Telenovela Tieta (1989-1990)

Antonieta Esteves popularmente conhecida por Tieta, principalmente por sua família e amigos íntimos como Carmosina, Tonha e Osnar, a eterna “Cabrita” que prezou por sua liberdade; uma menina espevitada que se tornou uma mulher sensual. No capítulo 17 Tieta regressa a Santana do Agreste, a sua cidade natal, e adentra a igreja rompendo com os padrões sociais estabelecidos, sobretudo, as mulheres, consideradas de bem. Entrou na igreja gritando a procura de saber o que havia acontecido. Vestida com um conjunto de couro composto por calça, bustiê, e casaco em tom vermelho provocativo, chocou a todos e todas, ao mostrar que a mulher pode ser protagonista da sua própria história e dona do seu destino.

Nos anos 1980, a situação das mulheres brasileiras passava por mudanças significativas. Esse período foi marcado pela luta em defesa dos direitos das mulheres e pelo fortalecimento do movimento feminista, embora o Brasil ainda enfrentasse desafios em relação à igualdade de gênero e racial. Uma das grandes conquistas para as mulheres na década de 1980 foi a nova Constituição Federal de 1988, que garantiu a todos os cidadãos brasileiros direitos fundamentais e igualdade perante a lei, independentemente de gênero e raça. A nova constituição reafirmou a necessidade de igualdade de direitos e oportunidades e abriu caminhos para a efetivação de mudanças profundas na condição das mulheres.

O movimento feminista no Brasil ganhou força, com grupos e coletivos que se formaram para combater a opressão e a desigualdade de gênero. As mulheres se reuniram em manifestações e debates, e passaram a reivindicar direitos básicos como educação, saúde, trabalho e participação política.

Figura 2- Antonieta Esteves Cantarelli Persona Social



Fonte: Capturado da Tela da TV Globo - Telenovela Tieta (1989-1990)

No capítulo 22, Tieta reúne algumas personalidades de prestígio da cidade para mostrar poder e sua inteligência, pois pretende ampliar seus negócios, e mostrar a persona Antonieta Esteves Cantarelli, uma mulher da alta sociedade paulistana, viúva do industrial Felipe Cantarelli e dona de empreendimentos e de uma fortuna. Sua intenção é ser socialmente aceita e vista como uma pessoa de prestígio social e poder, pois possui dinheiro e influência política na capital paulista. Seu interesse é comprar todo o mangue seco. Mostra-se uma mulher opulente requintada e financeiramente bem aquinhoada, deixando a sociedade de Santana embasbacada e sem atitude.

Figura 3- Tieta é desmascarada



Fonte: Capturado da Tela da TV Globo - Telenovela Tieta (1989-1990)

Em Santana do Agreste só Arturzinho sabia da identidade de Tieta em São Paulo, ou seja, quem era ela, e o que fazia como Madame Antoniete, dona de uma mansão em Higienópolis, bordel de luxo na capital paulistana. Perpétua quando descobriu fez questão de roubar todo o dossiê elaborado por Arthurzinho que revelava, de onde vinha toda a riqueza e o

prestígio da sua irmã que se tornou rica e poderosa. No capítulo 197 Perpétua entrou aos berros na igreja, revelando para todos que ali estavam que “Tieta é quenga sim”. Em função do que Tieta passou a representar para os moradores/as da cidade, a revelação feita por Perpétua foi vista como irrelevante, sobretudo, porque Tieta desde que voltou a cidade tinha conquistado tudo que almejou, ou seja, respeito e influência social e política.

O elenco coadjuvante da telenovela é de suma importância, pois possibilita examinar o cotidiano da cidade e perceber que se em Tieta; mulher de posses financeiras e livre respingava todas as faces do machismo, imagine para as mulheres comuns, a exemplo das simples donas de casas, viúvas e as jovens. Acerca dessa questão Pinsky (2013) relata que:

O comportamento feminino considerado fora do padrão estabelecido para as “mulheres honestas” justificava a violência como forma de disciplina, culpando, no fim das contas, a mulher pelas agressões sofridas (PINSKY, 2013, pág. 239)

Por isso, Perpétua estabeleceu a moral como regra e princípio para a sua vida, o de não desobedecer à ordem social, viver uma vida de aparências aos olhos da sociedade, embora na intimidade desejasse amar e ser amada por um homem, negava tal desejo por ser viúva. No decorrer da telenovela Perpétua é representada como hipócrita, sobretudo, porque para reprimir seus desejos e fingir ser uma viúva honesta ou uma mulher de bem se tornou beata, o que justificava seus atos e comportamentos como sendo uma ordem divina. Perpétua viveu um paradoxo, era uma mulher tomada pelo desejo de sentir prazer sexual, mas reprimida.

Figura 4- O Mistério da Caixa Branca é descoberto por Tieta



Fonte: Capturado da Tela da TV Globo - Telenovela Tieta (1989-1990)

No decorrer da trama especificamente no capítulo 113, sua irmã Tieta e rival encontrou a caixa branca misteriosa, e resolveu ameaçar contar o seu segredo para todos os/as moradores/as da cidade de Santana do Agreste.

- Tieta: - A primeira vez que eu entrei no seu quarto, abri essa caixa eu fiquei horrorizada, como é que eu podia imaginar a minha irmã, uma viúva honesta, temente a Deus, não, eu não posso entender é demais. Isso aqui é sórdido e indecente. (Exclama assustada com tamanha hipocrisia).

- Perpétua: - Como? Como foi? (Fala assustada)

-Tieta: - Como foi o que? Que eu descobri essa caixa? Pois se a cidade inteira sabe até aposta já fizeram pra saber o que tem dentro. Fica descansada viu Perpétua, que não chegaram nem perto da verdade. Também, quem podia imaginar, pregando o que tu prega, se fazendo da mais santa das criaturas, da mais pura, não dá pra entender.

No contraponto a Perpétua existem Dona Amorzinho, sempre chamada de viúva alegre, por não andar de preto e por paquerar Seu Amintas, a mando de Perpétua. Dona Amorzinho era noiva do Seu Chalita, mas não sentia interesse algum por ele, por isso, ela sofreu muita repressão por ter esse tipo de comportamento, o que fez ela em alguns momentos se reprimir e se abster sexualmente, ou seja, reprimir seus desejos.

A mulher, pela sua condição desigual em relação ao homem, por muitos anos viveu sob a sua tutela, em primeira instância do pai e em segunda do marido. com sua sexualidade normalizada pelos padrões Cristãos, legitimada pela instituição do casamento e pelo cumprimento da função reprodutora (TRINDADE; FERREIRA,2008, p. 418)

Cada uma das personagens escolhidas para as cenas da telenovela representa diferentes realidades e experiências pelas quais as mulheres passavam na época. As personagens podem ter enfrentado desafios relacionados à subordinação masculina. Elas foram ambientadas no contexto brasileiro dos anos 1980, o que fez com que os diretores buscassem retratar as realidades femininas da época. O que pode contribuir no processo de conscientização da sociedade sobre a condição da mulher, evocar empatia e estimular a reflexão sobre a necessidade de mudança social de modo a promover a igualdade entre homens e mulheres.

Figura 5 – Dona Amorzinho tem um ataque



Fonte: Capturado da Tela da TV Globo - Telenovela Tieta (1989-1990)

No capítulo 107 no dia que estava proposto Dona Amorzinho noivar, ela foge para sua casa e tem um ataque e começa a esbravejar “chame os homens”, “Eu quero homem”.

O arquétipo da Virgem da religião católica era o emblema adotado e exigia das mulheres comportamentos tipificados de moralidade, doçura, pureza, meiguice, bondade, desprendimento, espírito de sacrifício, enfim as qualidades da futura esposa e mãe, a companheira do homem (ALMEIDA. 2007 p. 54)

Amorzinho em um noivado contra sua vontade, ficou em estado de abstinência sexual, o que destoou completamente da imagem que uma viúva tinha que passar socialmente. Sobre essa questão Del Priori (2004) aborda que muito desse comportamento seria uma perspectiva da igreja católica, que condicionou as mulheres a ocultar sua sexualidade mantendo assim o “equilíbrio social”.

Figura 6 – Não posso ser dona de mim?



Fonte: Capturado da Tela da TV Globo - Telenovela Tieta (1989-1990)

Não menos importante, outra personagem que desde sua aparição na telenovela sofreu repressão e aprisionamento é Imaculada, adolescente vendida ao coronel da cidade, quando conseguiu fugir foi para a Casa da Luz Vermelha, bordel administrado por Zuleica Cinderela. Mesmo não se prostituindo a sua narrativa é sobre como a mulher não pode escolher seu destino, mesmo sendo forte e corajosa.

Figura 7 - Tal Mãe, Tal Filha



Fonte: Capturado da Tela da TV Globo - Telenovela Tieta (1989-1990)

Figura 8 - Tal Mãe, Tal Filha

Fonte: Capturado da Tela da TV Globo - Telenovela Tieta (1989-1990)

No capítulo 25 foi encenada uma quermesse na cidade, Tonha (Yoná Magalhães), recebeu de presente uma roupa de Tieta que trouxera de São Paulo, ela resolveu se arrumar na casa da sua filha Elisa (Tássia Camargo) e ir a quermesse. Saiu da casa da filha e encontrou seu marido Zé Esteves (Sebastião Vasconcellos) que com Tonha resolveu tirar satisfação, questionando o porquê de ela estar com roupas novas. Não satisfeito com a resposta rasgou as roupas e não a deixou ir a quermesse.

No capítulo 196 o contexto é outro, inconformada com seu casamento, Elisa decidiu ir a São Paulo começar uma nova vida, ela queria mudar de vida, sonhava com os artistas, tinha sonhos eróticos com Tarcísio Meira de quem era grande fã, e desejava liberdade sexual, já que na visão do seu marido, sexualmente livre eram as mulheres da Casa da Luz Vermelha, “mulher de bem” não tinha essas vontades. Decidida ela comprou a passagem e foi pegar a marinete; transporte que levava os passageiros a São Paulo. Quando ela se despediu da sua mãe, Timóteo (interpretado pelo ator Paulo Betti) chegou e rasgou toda sua roupa em praça pública, e disse que o lugar dela era em casa.

As figuras 6,7 e 8 mostram a violência porque passavam às mulheres, a negação dos seus direitos e vontades não atendidas. Nas cenas a mulher está representada na condição de objeto, animal de estimação ou propriedade do homem a deveria obediência, ou seja, os seus respectivos donos, pais ou maridos.

4. REESCREVENDO A HISTÓRIA

O que é história? Essa foi a pergunta que mais vamos ouvimos no decorrer da nossa vida acadêmica. Não existe uma única resposta para tal pergunta, pois são tantas concepções do que é história, e para que serve a história?

No decorrer do processo essas questões foram se transformando, sobretudo, porque pode se fazer história, a partir de pequenos eventos, ou apenas retratando como determinados povos viveram em certo período da história e foram representados, ou seja, é possível escrever micro história, a partir de recortes.

Nesse sentido, tudo que está relacionado com a existência humana é história, suas memórias, suas vivências, características de um povo ou de sua localidade. A história pode ser feita a partir de micro eventos, e a partir de então é possível se estudar sobre as particularidades dos indivíduos, o que é possível graças à mudança na compreensão do que é fonte histórica; essa necessariamente não precisa ser um documento escrito, mas objetos, memórias. O que muda é o olhar do historiador sobre o fato analisado ou o sujeito, uma vez que as fontes são passíveis de leituras e interpretações, o que possibilita qualquer evento histórico possa ser estudado. Nesse exercício o nosso papel é o de refletir sobre o evento e o sujeito e procurar inseri-los na cena da história. Foi esse o nosso exercício nesse trabalho, o de trazer para a cena da história escrita as mulheres, visto que elas compõem a história humana, mas nem sempre são compreendidas como sujeitos de suas tramas, ou de narrativas que mudaram os rumos da humanidade. “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. (ADICHIE, 2019 p.14). Foi isso o que aconteceu com a história, essa sempre foi escrita a partir do viés patriarcal e pautado no eurocentrismo, o que negligenciou a história das mulheres ocasionou lacunas e estabeleceu um currículo onde prevalece a desigualdade de gênero.

Acerca dessa questão Adichie (2019) argumenta que as histórias únicas tem relação com poder, e esse poder podem criar estereótipos, por isso o perigo de histórias únicas, porque ao mesmo tempo em que pode ajudar a reconstruir, em contrapartida pode difamar e criar uma ideia pejorativa sobre um povo. Nesse sentido, escrever sobre mulheres, ainda que na perspectiva da representação é abrir debates para um espaço diverso, vasto e fundamental e assim enfraquecer essa narrativa que insiste em contar e escrever a história a partir das conquistas masculinas. A perspectiva é virar o jogo e escrever a história das mulheres, valorizar suas trajetórias, experiências e assim promover um equilíbrio na produção historiográfica.

Qual a função da história? Talvez seja lembrar a sociedade contemporânea que os erros do passado não podem se repetir. Nesse sentido, as mulheres do passado podem servir de inspiração para as mulheres na contemporaneidade e possibilitar as sociedades construam outras práticas de relacionamento com as mulheres, compreendendo-as como capazes do que desejarem fazer e ser.

Esse é um exercício coletivo e passa pela mudança de comportamento das instituições sociais, a exemplo da escola. É importante que as escolas encorajem e apoiem a participação ativa das mulheres em todas as áreas de aprendizagem. Isso inclui combater os estereótipos de gênero e promover a igualdade de oportunidades nas escolhas de carreira nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática tradicionalmente dominadas pelos homens. Além disso, é importante que os currículos escolares sejam neutros em termos de gênero, forneçam uma perspectiva equilibrada da história e se concentrem nas contribuições em longo prazo das mulheres.

Sobre essa questão, hooks (2013) nos ensina a transgredir quando explica que a educação só funciona se o aluno e o professor estiverem de “mãos dadas”, caso não aconteça, o corpo docente e seus discentes não irão quebrar barreiras, causar crises educacionais e transpor o espaço colonizador da escola.

Minhas práticas pedagógicas nasceram da interação entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista, cada uma das quais ilumina as outras. Essa mistura complexa e única de múltiplas perspectivas tem sido um ponto de vista envolvente e poderoso a partir do qual trabalhar. Transpondo as fronteiras, ele possibilitou que eu imaginasse e efetivasse práticas pedagógicas que implicam diretamente a preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação (como o racismo e o sexismo) e ao mesmo tempo proporcionam novas maneiras de dar aula a grupos diversificados de alunos. (HOOKS, 2013, p. 20)

É igualmente importante promover a educação das mulheres nas universidades. Para tanto, é necessário que as instituições de ensino superior ofereçam oportunidades de aprendizado e pesquisa para mulheres em todas as disciplinas acadêmicas, e assim criem ambientes de apoio e incentivo para que as mulheres possam progredir nos estudos e alcançar posições de liderança. Isso inclui garantir a igualdade salarial, fornecer recursos e apoio para conciliar vida acadêmica e familiar e combater todas as formas de discriminação de gênero no ambiente universitário.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das representações das mulheres na telenovela "Tieta" revela um cenário complexo, marcado por avanços e permanências. Através das personagens, como Tieta, Perpétua e Amorzinho, observamos a valorização da autonomia, da sexualidade e do empoderamento feminino. Essas figuras desafiaram os estereótipos tradicionais e proporcionaram uma representação mais positiva e diversa das mulheres na mídia. Essa produção se destacou ao abordar temas considerados tabus na época de sua exibição, como a sexualidade feminina e a liberdade de escolha. Isso contribuiu para ampliar o debate sobre as questões de gênero na sociedade brasileira, ao questionar normas e padrões estabelecidos. As personagens femininas apresentadas na trama tornaram-se referências de resistência e superação, inspirando outras mulheres a buscar sua própria realização.

No entanto, também identificamos aspectos conservadores e reforçadores de estereótipos na telenovela. A figura da "mulher submissa" e a condenação de personagens por sua sexualidade ainda refletiam os valores e preconceitos presentes na sociedade da época. Esses elementos limitavam a representação das mulheres, restringindo suas possibilidades e perpetuando padrões desfavoráveis.

É fundamental refletir sobre essas permanências e reconhecer que, embora a telenovela "Tieta" tenha sido um marco em termos de representação feminina, ainda há desafios a serem enfrentados na busca por uma representação mais igualitária e inclusiva. A telenovela se torna muito importante para a construção de estigmas, como quebrar os estereótipos do machismo e subalternidade.

Ao analisar as representações das mulheres na telenovela "Tieta", pudemos compreender melhor a evolução da mídia brasileira e seu impacto na sociedade. Essa reflexão nos convida a questionar os padrões estabelecidos, a desconstruir estereótipos e a lutar por uma representação mais justa e empoderada das mulheres.

Diante disso, é essencial que a produção de conteúdo midiático esteja alinhada com os avanços conquistados pelas mulheres, contemplando uma diversidade de vozes, experiências e trajetórias. Somente assim poderemos construir uma sociedade mais igualitária, em que as mulheres sejam representadas de maneira autêntica, respeitosa e livre de estereótipos prejudiciais.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Jane Soares. Mulheres, educação e religião: as interfaces do poder em uma

perspectiva histórica. In: **Mandrágora**.. São Paulo. 2007.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. Revolução mexicana. In: BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: UNESP, 2010. Cap. 2. p. 50-95.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, V.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012. 82 p.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 133.

COSME, Gláucia da Silva, **o feminino em Macabéa**, Pelotas, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu (Doutorando em Letras na Universidade de Passo Fundo (UPF), Do romance Tieta do agreste, da telenovela Tieta e de como procederam os envolvidos no processo de adaptação ou transposição do primeiro para o segundo tendo em vista um exemplo, GARRAFA. Vol. 16, n. 44, Janeiro-Junho 2018. “Do romance Tieta...”, p. 240 -258.

GOFF, Jacques Le; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na idade média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 105 p.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.

LEFÈBVRE, Georges. O Nascimento da Moderna Historiografia. Lisboa: Sá da Costa, 1981.

LIEBEL, Silvia. **Demonização da mulher: a construção do discurso misógino no malleus maleficarum**. 2004. 76 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

NASCIMENTO, Priscila da Silva et al. A Luta das Mulheres no México e a Perspectiva de um Feminismo: indígena: o caso das mulheres indígenas zapatistas. **Revista Ártemis**, [s. l], v. , n. 1, p. 64-72, jul. 2015. Semestral.

NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres negras: protagonismo ignorado. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 184 p.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (org.). O corpo feminino em debate. São Paulo: Unesp, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (org.). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, 1995.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Rafael Bertoldi dos (graduando), ALVES, Gabriela Santos (orientadora) Universidade Federal do Espírito Santo/ES Tieta: **gênero e comportamento na história da telenovela brasileira.**

SIMONI, Karine. De dama da escola de Salerno a figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento. **Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamento.** 23 a 26 de agosto de 2010.

TRINDADE, Wânia Ribeiro; FERREIRA, Márcia de Assunção. *Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres*. Florianópolis, 2008.

TOSI, Marcela de Castro. **LAS SOLDADERAS:** mulheres na revolução mexicana de 1910.

Sites:

Portal Memória Globo:

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/telenovelas/tieta.htm>. Acessado em 27/04/2023.

Obras audiovisuais:

TIETA. Telenovela de Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares. Inspirada no romance de Jorge Amado. Direção Geral de Paulo Ubiratan. Disponível Globo play.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sem ele eu não teria chegado a lugar nenhum. Obrigado meu Deus por tudo!

A minha família, especialmente minha tia e minha vó, sem vocês nada seria possível, obrigado por todo amor e compreensão!

A amiga, Laine Rodrigues por está sempre ao meu lado, “que bom que a gente se tem”. Obrigado por ouvir minhas loucuras e por todo apoio, desde que a gente se conheceu nunca mais nos desgradamos, mais uma vez obrigado por tudo e por tanto!

A minha amiga Olaisyenne Santos vulgo Lala, uma pessoa alto astral e com um senso de humor imprescindível, sempre a disposição para ajudar e aparar as arestas que a vida acadêmica proporciona, serei sempre grato a ti. Obrigado!

Aos amigos e colegas que a universidade me proporcionou, em especial nosso grupo “Os Xuxus”, cada troca foi importante e significativa, obrigado!

Sincera gratidão ao professor e orientador Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, por esse encontro e obrigado por todo acolhimento e paciência comigo!

Aos amigos que ao longo da vida estiveram ao meu lado. Obrigado por tornarem minha vida mais feliz, vocês são figuras indispensáveis!

A toda rede UEPB Campus III, Guarabira, do corpo administrativo aos docentes, levarei lições e lembranças inesquecíveis.